



Folha de S. Paulo – 28 Nov 2003

## **Segundo consultoria, investimento é necessário para atender demanda maior**

O setor elétrico terá de investir R\$ 20 bilhões anuais, a partir do ano que vem, a fim de se preparar para o aumento da demanda de energia que deverá vir com a retomada do crescimento esperada a partir de 2004. Sem o investimento, a expansão seria comprometida pelo risco de racionamento. A projeção é da consultoria Tendências e se baseia em uma expansão anual, ao longo da próxima década, de 3,4% do PIB, que elevaria em 5% a demanda anual do setor. No entanto, se houver crescimento e aumento da renda da população, as empresas do setor voltarão a pressionar por aumentos reais de tarifas.

Afogadas em dívidas, as distribuidoras de energia precisariam, segundo o estudo, de um aumento real (acima da inflação) de 20% ao longo de três anos para voltar ao azul. Isso porque, mesmo com o aumento da demanda num cenário de crescimento econômico, o fluxo de caixa das distribuidoras não seria suficiente para tirá-las da crise financeira no curto prazo. Se os reajustes continuarem sendo feitos com base no IGP-M, as 12 principais distribuidoras do país terminariam 2004 com déficit de caixa de R\$ 7 bilhões e 2005 com déficit de R\$ 6 bilhões. Neste ano, o déficit estimado pela Tendências será de R\$ 13 bilhões. "O equilíbrio só correrá após 2006", diz Ernesto Moreira Guedes Filho, analista da Tendências.

O aumento real de tarifas, entretanto, só será viável se, com o crescimento da economia, houver recuperação da renda dos trabalhadores. Eles já arcam com um aumento de 140% nas contas de luz, concedido ao setor entre 1995 e 2002. Esse índice, deflacionado pelo IGP-M, resulta em um aumento real de 20,7%.

Para Gustavo Loyola, sócio da Tendências, "a variável chave na questão tarifária é o crescimento da economia e do consumo de energia". Segundo ele, se houver expansão mais acelerada do PIB, a demanda crescerá e substituirá a necessidade de alta de tarifas. Com um crescimento de 4,5% ao ano, a demanda de energia subirá 6,4%, e os 20% de aumento real de tarifas poderão ser diluídos ao longo de dez anos, e não em apenas três. O aumento da demanda, de 6,4% ao ano, nesse cenário, compensaria a diluição dos reajustes de preço, contribuindo para o reequilíbrio das empresas. Nesse cenário de crescimento acelerado - pouco provável, segundo os economistas-, os investimentos em expansão da capacidade do setor teriam de chegar a R\$ 26,7 bilhões por ano.

Esses recursos, porém, não existem. Mesmo os R\$ 20 bilhões estimados para o cenário mais provável de crescimento do PIB, de 3,4% ao ano, estão muito acima da capacidade de financiamento tanto do setor público como do privado. "O sistema de financiamento público consegue prover R\$ 9 bilhões, o restante terá de vir do setor privado", diz Guedes.

### **Compasso de espera**

Segundo Claudio Sales, presidente da Câmara Brasileira de Investidores do Setor Elétrico, os planos de investimento do setor privado para o ano que vem estão em compasso de espera. "Nossa única palavra é apreensão: as idas e vindas da nova regulamentação do setor elétrico não permitem às empresas fazer investimentos."

Sales diz que o governo desenha um modelo com forte participação estatal em que os órgãos reguladores não teriam autonomia e transparência. "Não dá para investir sem saber como será definido o preço da energia", diz.